

Teopedagogias e disputas de gênero e sexualidade na América Latina

Silas Veloso de Paula Silva¹
Gustavo Gilson Oliveira²

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado sobre narrativas de homens cristãos de sexualidades dissidentes no Brasil, Argentina e Chile, situando-as nas disputas educacionais sobre gênero e sexualidade na América Latina. Analisa discursivamente como essas narrativas articulam teologia e pedagogia na produção de práticas teopedagógicas que tensionam sentidos hegemônicos sobre a homossexualidade no cristianismo. De abordagem qualitativa, baseia-se em entrevistas semiestruturadas e é orientado pela Teoria Política do Discurso, em diálogo com a teologia *queer*. Parte-se da ideia de que a noção de homossexualidade como pecado contribui para a sedimentação de discursos sobre gênero e sexualidade nas disputas político-sociais. As narrativas evidenciam a emergência de teopedagogias de(s)viadas que, ao articular fé e desejo, rompem com a gramática do pecado e reinscrevem a dissidência sexual como espaço de revelação teológica e resistência pedagógica na América Latina.

Palavras-chave: Teopedagogia; Desvio; Subjetividades dissidentes; Teoria Política do Discurso; Cristianismo e sexualidade

Narrativas dissidentes e produção de sentidos no campo religioso latino-americano

Este trabalho analisa narrativas de trajetórias formativas de homens cristãos de sexualidades dissidentes na América Latina, buscando compreender como esses sujeitos elaboram suas experiências e práticas de identificação religiosa em um contexto recente

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu/UFPE). Membro do Grupo de Pesquisa "Discurso, Subjetividade e Educação" (UFPE/CNPq) e coordenador da linha de pesquisa "Teoria do Discurso e Currículo" no Grupo de Pesquisa em Discurso, Currículo e Educação (DISCE/CNPq). E-mail: silasvelosocontato@outlook.com.br

² Doutor em Sociologia (UFPE) e Pós-doutorado em Educação (PROPED/UERJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu/UFPE). Vice-líder do Grupo de Pesquisa "Discurso, Subjetividade e Educação" (UFPE/CNPq). E-mail: gustavo.soliveira@ufpe.br

de intensificação das disputas morais e políticas em torno da sexualidade, especialmente a partir de 2017, quando debates sobre gênero, educação sexual e direitos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais e demais orientações e identidades (LGBTQIA+) passaram a ocupar lugar central nas arenas religiosas e no espaço público da região (Silva, 2022).

Essas narrativas se inscrevem em disputas mais amplas sobre o *significado da homossexualidade* no campo religioso, historicamente associada ao *pecado* nas tradições cristãs (Natividade, 2009; 2013); como demonstra Natividade (2013), essa *lógica social*³ não apenas nega a homossexualidade como identidade legítima, mas a reinscreve como prática moralmente condenável, passível de arrependimento, transformação espiritual e, em alguns casos, de intervenções de “libertação”. No entanto, as trajetórias analisadas não se restringem à exclusão: muitas são atravessadas por processos de sexílio (Quero *et al.*, 2024) e por experiências religiosas que legitimam discursos dissidentes (Bezerra, 2023), revelando percursos nos quais fé, desejo e identidade são negociados e ressignificados. Nesse movimento, a fé pode ser reinscrita como prática de resistência e autonomia espiritual (Rotterdam, 2024; Musskopf, 2025), produzindo novas formas de pertencimento religioso.

Tais experiências tornam-se mais inteligíveis quando situadas nas transformações recentes do campo religioso latino-americano, marcado, como observa Oliveira (2009), pela pluralização de atores, pela emergência de novas identidades e pela redefinição das relações entre religião e *espaço público*. Nesse cenário, o *neoconservadorismo* articulado ao *neoliberalismo* também assume papel central, operando, segundo Oliveira e Oliveira (2022), por meio de eixos discursivos como: a) a sofisticação midiática, b) a lógica de consumo da fé, o c) moralismo anti gênero e d) discursos punitivistas, que convergem na produção de uma gramática pública baseada no *medo* e na regulação das fronteiras morais e identitárias.

³ Conforme Glynos e Howarth (2007), as lógicas sociais referem-se às regras e convenções que organizam práticas e sustentam regimes. Neste artigo, o pecado é compreendido como uma lógica social que opera no debate público contemporâneo sobre gênero e sexualidade, sendo também tratado como significante em disputa, cujo funcionamento não se reduz à punição, mas envolve uma dimensão fantasmática na qual dor e gozo se articulam, tensionada por trajetórias dissidentes.

Tomamos essas narrativas como expressões de uma teopedagogia desviante, entendida como operador analítico que articula os campos teológico e pedagógico para analisar como trajetórias formativas (constituídas no entrelaçamento de práticas religiosas e processos pedagógicos) produzem *saberes* e efeitos formativos em contextos situados (Serra, 2023). O termo “desviante” deriva da noção de desvio (*swerve*)⁴ em Butler (2018) e indica deslocamentos em relação às normas de gênero e sexualidade que regulam o pertencimento cristão. Situadas no campo da teologia queer, essas narrativas evidenciam, assim, disputas em torno de pecado, culpa e identidade.

Embora o termo *teopedagogia*⁵ apareça em abordagens inspiradas na teopoética de Rubem Alves, que compreende a teologia como interpretação das experiências humanas (Alves, 2005; 2025), bem como em tradições vinculadas à Teologia da Libertação e à Educação Popular (Gutiérrez, 1987; Freire, 1996; Preiswerk, 1997) e em perspectivas afrocentradas que articulam ancestralidade, espiritualidade e prática educativa (Lira; Pele, 2014; Lira; Bassotto; Soares, 2014), aqui o termo é mobilizado como operador analítico para examinar narrativas produzidas no entrelaçamento entre a construção de identidades em torno da orientação sexual *gay* e os discursos religiosos, atentando para como, nesses processos, se elaboram aprendizagens, interpretações e disputas de sentido no interior do cristianismo.

Nessa direção, acompanhamos Sandlin, O'Malley e Burdick (2011) ao compreender os processos educativos como práticas que se constituem também em arenas

⁴ O conceito de desvio (*swerve*), inspirado no clinamen de Lucrécio, é mobilizado por Butler para pensar a repetição das normas como um processo inerentemente contingente. Como nenhuma repetição é idêntica, toda norma se reinscreve com variações, produzindo deslocamentos não totalmente controláveis. O desvio não é algo externo à norma, mas efeito dessa própria contingência, abrindo brechas nas quais identidades podem ser rearticuladas para além da matriz heteronormativa, ainda que de modo instável e não garantido. Ver: Butler, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁵ A noção de teopedagogia, a partir dos referenciais mobilizados, pode ser compreendida como um campo plural que articula teologia e educação em diferentes inflexões: (1) em Rubem Alves, como experiência estética e poética de interpretação da vida (Alves, 2005; 2012; 2013; Pereira, 2023); (2) na Teologia da Libertação e na Educação Popular, como práxis crítica orientada à transformação social (Gutiérrez, 1987; Freire, 1996; Preiswerk, 1997); (3) em perspectivas afrocentradas, como prática comunitária fundada em ancestralidade, cuidado e resistência (Lira; Pele, 2014; Lira; Bassotto; Soares, 2014); e (4) em leituras contemporâneas, como intersecção crítica entre pedagogia e teologia em contextos socioculturais situados (Espinosa Arce, 2016). Em conjunto, essas abordagens permitem compreender a teopedagogia como operador analítico das dimensões formativas e políticas das experiências de fé.

culturais, políticas e religiosas, atravessando o *espaço público*. Assim, a teopedagogia permite analisar como, nessas narrativas, sujeitos historicamente marginalizados elaboram leituras religiosas e produzem formas de pertencimento no campo religioso, em diálogo com suas trajetórias e contextos socio-culturais e políticos. Desse modo, a teologia é entendida como prática crítica de releitura da fé situada nas disputas do presente (Sinner; Panotto, 2016), o que, nos termos de Serra (2023), implica considerar que:

[...] as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, assexuais, travestis, transexuais, não binárias, intersexo, *queer* e outras expressões de gênero, assim como toda e qualquer pessoa, têm direito a ler, estudar, interpretar a Bíblia e outros textos sagrados e produzir teologia, em diálogo com suas comunidades, com sua história, com suas leituras de realidade, suas experiências de vida, fé, sofrimento, alegria e esperança. Esse direito não é exclusivo de homens cisgênero e de pessoas heterossexuais e brancas. (Serra, 2023, p.136).

Partindo do reconhecimento de que pessoas LGBTQIA+ têm o direito de interpretar textos sagrados e produzir teologia a partir de suas experiências (Serra, 2023), propomos que as narrativas de trajetórias formativas de homens cristãos de sexualidades dissidentes na América Latina operam deslocamentos nas disputas contemporâneas sobre gênero e sexualidade no campo religioso e no *espaço público*. Em um contexto marcado pela coexistência entre avanços em direitos sexuais e a intensificação de reações conservadoras, frequentemente mobilizadas por uma militância religiosa que aciona medos coletivos para deslegitimar a diversidade sexual e bloquear seu reconhecimento, essas narrativas, em diálogo com teologias queer/cuir e dissidentes, produzem saberes e fazeres desviantes que circulam nas margens das instituições cristãs. Ao compreender a pedagogia como campo de disputas de legitimidade (Louro, 2008), analisamos essas experiências como práticas discursivas por meio das quais sujeitos reinterpretam tradições, negociam pertencimentos e deslocam sentidos hegemônicos sobre fé, corpo e sexualidade.

Esse cenário evidencia a plasticidade da lógica da homossexualidade como pecado, que extrapola o campo religioso e passa a operar também nas esferas jurídica e educacional, reconfigurando condenações morais em linguagens técnicas que continuam a interpelar trajetórias. Ao mesmo tempo, o campo religioso é atravessado por disputas,

nas quais coletivos cristãos feministas e dissidentes tensionam os sentidos no interior do cristianismo (Serra, 2023). Nesse contexto, como indica Bezerra (2023), experiências místicas de cristãos LGBTQIA+ podem funcionar como dispositivos de legitimação que deslocam sujeitos da exclusão para formas de protagonismo religioso em disputa, como a criação de igrejas inclusivas e a produção de teologias que reconfiguram a moral tradicional. Diante disso, e ao compreender os processos educativos para além da escola, como propõe a noção de pedagogia pública (Sandlin; O'Malley; Burdick, 2011), perguntamos: de que modo as narrativas de trajetórias formativas de homens cristãos de sexualidades dissidentes na América Latina articulam fé e desejo na produção de saberes e práticas teopedagógicas que deslocam sentidos hegemônicos sobre a homossexualidade no cristianismo?

A partir disso, definimos os seguintes objetivos específicos: (1) discutir a noção de teopedagogia na intersecção entre *teologia pública* e *pedagogia pública*, articulando-a às contribuições da teopoética, da teoria política do discurso e aos debates contemporâneos sobre subjetividades dissidentes no cristianismo; (2) analisar narrativas de trajetórias de homens gays cristãos no Brasil, Argentina e Chile a partir de uma abordagem discursiva, considerando como fé, desejo e experiência religiosa são narrativamente organizados na produção de posições de sujeito; e (3) identificar de que modo essas narrativas produzem *saberes-fazeres* e práticas teopedagógicas desviantes, evidenciando como tais experiências reconfiguram sentidos sobre a homossexualidade no campo religioso.

Para situar a análise, consideramos o contexto histórico e político das disputas em torno de gênero e sexualidade na América Latina, marcado pela influência da Igreja Católica na formação dos Estados nacionais e na consolidação de regimes de cidadania ancorados em normas sobre família, sexualidade e reprodução, o que contribuiu para que demandas feministas e da diversidade sexual fossem frequentemente interpretadas como externas às ordens morais nacionais (Vaggione, 2017). No cenário contemporâneo, tais disputas se reconfiguram, mas seguem atravessadas por léxicos morais cristãos mobilizados como linguagem política (Burity, 2020), nos quais a noção de pecado permanece central na produção de sentidos sobre a homossexualidade, historicamente

associada à legitimação de gramáticas excludentes (Panotto, 2025). Em diálogo, a crítica de que “toda teologia é sexual” evidencia como interpretações teológicas participam da regulação dos corpos, desejos e pertencimentos (Althaus-Reid, 2005), apontando para um deslocamento analítico em que a religião deixa de ser tomada como entidade estável e passa a ser compreendida como campo empírico de disputas políticas, pedagógicas e discursivas (Furseth; Repstad, 2020).

Teologia *queer*, teopoética e narrativas de vidas cristãs indecentes

Desde o final do século XX, a maior visibilidade de pessoas LGBTQIAPN+ intensificou disputas no campo religioso latino-americano em torno das interpretações da sexualidade no cristianismo (Musskopf, 2021). Em países como Brasil, Argentina e Chile, essas tensões atravessam igrejas, coletivos e espaços formativos, nos quais sujeitos dissidentes reivindicam reconhecimento e legitimidade teológica. Nesse contexto, abordagens como a Teologia Queer e a Teologia Inclusiva tensionam estruturas excludentes e reinscrevem a produção teológica nas experiências corporais e dissidentes (Herrin, 2020; Serra, 2023), deslocando a questão do reconhecimento para as próprias condições de produção do saber-fazer teológico. É nesse deslocamento que se torna possível compreender a proposta de Althaus-Reid (2003), para quem uma teologia queer não apenas inclui novos sujeitos:

Contudo, uma busca por epistemologias *Queer* nos faria perceber que precisamente nossa contra-esperança talvez só surja ao fazermos teologia à imagem de nossos próprios corpos Queer. Ao focarmos em sujeitos Queer nômades, deveríamos ser capazes de produzir uma teologia ineducível e incorrigível, uma graça não habituada. (Althaus-Reid, 2003, p. 51).

Nesse horizonte, Contreras (2023), a partir da análise de discursos e experiências em contextos cristãos contemporâneos, demonstra que o pecado deixa de operar apenas como falha moral individual e passa a configurar-se como construção histórico-política, sustentada por práticas como o ensino religioso e o aconselhamento pastoral, que regulam corpos e desejos. Em diálogo, tais dinâmicas podem ser compreendidas como parte de

regimes de punição simbólica dirigidos à dissidência. No entanto, essa regulação é tensionada em espaços como igrejas inclusivas, onde a emergência de lideranças trans e não binárias reconfigura formas de pertencimento e autoridade religiosa, evidenciando, nos termos de, o desvio como falha constitutiva da norma.

A partir dessa centralidade do corpo, Quero (2024, *et al.*) defende que o corpo dissidente constitui o território no qual a experiência cristã se reinventa, ao mesmo tempo em que o próprio saber teológico é deslocado e descolonizado. Tal movimento evidencia a urgência de reconfigurar os modos de produção do teológico, uma vez que, como argumenta Contreras (2023), a marginalização histórica dessas vidas está diretamente associada à ausência de um imaginário teológico capaz de reconhecê-las como espaços legítimos de revelação:

[sic] corpos, excluídos por sua sexualidade, gênero, razão e fé, carecem de um imaginário teológico contemporâneo que valide suas vidas na diversidade sexo-genérica e que reconhece suas lutas como espaços de revelação teológica. Neste contexto, surge a necessidade de desenvolver uma abordagem teológica inclusiva que abrace a diversidade e destaque as experiências de pessoas e comunidades que foram historicamente marginalizadas. (Contreras, 2023. p. 73, tradução nossa).

Se o corpo é o lugar onde essas disputas se inscrevem (Quero, 2024), os saberes que delas emergem circulam em diferentes espaços sociais. A noção de pedagogia pública (Sandlin; O'Malley; Burdick, 2011) permite compreender que processos formativos não se restringem à escola, mas se produzem na cultura, nas redes e em práticas de ativismo, atravessando múltiplos espaços de sociabilidade e experiência. Nesse horizonte, a teologia feminista queer toma as experiências corporais historicamente reguladas como ponto de partida para a crítica teológica, deslocando normas e abrindo possibilidades para formas situadas de produção de sentido (Contreras, 2023). Essa perspectiva é aprofundada pela teologia indecente de Marcella Althaus-Reid (2003), que, ao articular Teoria Queer e Teologia da Libertação, critica a moralidade sexual heteronormativa e propõe pensar a fé a partir de experiências cotidianas, corporais e sexuais marginalizadas, especialmente em contextos latino-americanos, como lugares legítimos de produção teológica e de contestação das normas que estruturam o discurso cristão.

Marcella Althaus-Reid reconhece uma tradição de histórias sexuais subversivas vividas na América Latina que sobrevivem apesar dos séculos de colonialismo no continente, bem como práticas atuais das pessoas pobres em contextos urbanos revelam outros arranjos sexuais, políticos e religiosos, invisibilizadas, excluídas ou marginalizadas do círculo hermenêutico teológico por não serem harmonizáveis dentro da ideologia heterossexual dado o seu caráter conflitivo, instável e impuro. Recuperando e dando visibilidade a estas experiências através de diversas fontes, e usando-as num exercício de intertextualidade, elas se revelam como “práticas de ruptura” (*disruptive practices*) de uma teologia totalitária e tornam-se, assim “práticas redentoras” (Musskopf, 2008, p. 209).

No horizonte dessas experiências dissidentes no cristianismo latino-americano, já indicadas por Musskopf (2008) como “práticas de ruptura”, a leitura bíblica deixa de operar como monopólio institucional e passa a ser reapropriada como prática situada, encarnada e politicamente implicada. As narrativas analisadas, provenientes de entrevistas semiestruturadas realizadas para a elaboração da tese, mostram que, ao articular fé e desejo, essas trajetórias deslocam a lógica do pecado como falha moral e reinscrevem o corpo como lugar de revelação teológica. Nesse processo, produzem saberes-fazer teopedagógicos (Serra, 2023), entendidos como práticas de interpretação, aprendizagem e disputa de sentidos que tensionam as lógicas sociais hegemônicas do cristianismo

Metodologia

A análise discursiva aqui desenvolvida se ancora na Teoria Política do Discurso (Laclau; Mouffe; 2015) e em seus desdobramentos (Glynos; Howarth, 2007), tomando as narrativas como práticas nas quais se produzem e disputam processos de identificação, exclusão e resistência. Nesse quadro, a noção de *fantasia* permite compreender como investimentos afetivos sustentam a adesão ou rejeição de discursos (Glynos; Howarth, 2007; Glynos; Oliveira; Burity, 2019). e assumimos, com Laclau e Mouffe (2015), a noção de abstrações reais como formações discursivas que operam materialmente nas práticas sociais (Oliveira, 2018). Desse modo, o discurso é entendido como prática que articula sentidos e ações em um campo contingente de disputas (Mendonça, 2009), o que

abre caminho para compreender o papel das lógicas fantasmáticas na organização dessas formações.

A análise discursiva aqui desenvolvida se ancora na Teoria Política do Discurso (Laclau; Mouffe, 2015) e em seus desdobramentos (Glynos; Howarth, 2007), tomando as narrativas como práticas nas quais se produzem e disputam processos de identificação, exclusão e resistência. Nesse quadro, a noção de *fantasia* permite compreender como investimentos afetivos sustentam a adesão ou rejeição de discursos (Glynos; Howarth, 2007; Glynos; Oliveira; Burity, 2019), enquanto a noção de *abstrações reais* (Laclau; Mouffe, 2015) orienta a análise das formações discursivas em sua materialidade (Oliveira, 2018).

Assim, o discurso é entendido como prática que articula sentidos e ações em um campo contingente de disputas (Mendonça, 2009), tornando central a análise das lógicas fantasmáticas na organização e disputa dessas formações:

A noção de lógicas fantasmáticas constitui um recurso para investigar, em primeiro lugar, como e por que as formações discursivas hegemônicas logram conquistar a identificação e estruturar a subjetividade – mesmo que de forma precária e contingente – da maioria dos sujeitos individuais e coletivos em um determinado campo discursivo. Em segundo lugar, em situações de crise e deslocamento de um regime discursivo hegemônico, para investigar como e por que diferentes discursos capturam a identificação de grande número de sujeitos e fortalecem seu poder de estabelecer um (novo) horizonte de sentido para a realidade (Oliveira, 2018, p. 198).

Desse modo, as lógicas fantasmáticas atuam tanto na reprodução das práticas sociais em contextos de estabilização quanto na mobilização de disputas em momentos de deslocamento hegemônico (Oliveira, 2018).

A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se em entrevistas semiestruturadas realizadas entre 2023 e o presente, cujas narrativas são tratadas como recortes discursivos produzidos na interação entre enunciação, interpretação e contexto (Oliveira, 2018). Os interlocutores, acessados por redes acadêmicas no Brasil e no Chile, são três sujeitos, Paulo (30, Rio de Janeiro), psicólogo e teólogo, fundador de comunidade cristã inclusiva; Jesus (32, São Paulo), ativista em HIV e professor bíblico; e Davi (36, La Plata), militante político e professor em escola católica, identificados por pseudônimos bíblicos. Suas

trajetórias evidenciam processos formativos marcados pela negociação entre fé e desejo em relações de poder que constituem a subjetividade religiosa (Butler, 2019).

Em diálogo com a teologia indecente (Althaus-Reid, 2005) e com perspectivas teológicas dissidentes (Quero, 2005), mobilizamos a noção de teopedagogia para compreender essas experiências como processos formativos no espaço público (Laclau; Mouffe, 2015; Mouffe, 2015). Nessa direção, ao tomar o currículo como prática social (Lopes; Macedo, 2011; Lopes, 2025), analisamos os saberes-fazeres dissidentes (Serra, 2023), bem como as noções de currículo de(s)viado e saber desviante como formas de reconfiguração dos sentidos sobre a homossexualidade no cristianismo latino-americano.

Currículos desviantes: saberes-fazeres e autoridade teológica

Em diálogo com Rubem Alves (2005), compreendemos a teologia como um exercício de articulação entre experiências, símbolos e narrativas de fé, no qual os sentidos são continuamente produzidos e reinterpretados. Nessa direção, os saberes-fazeres teológicos são entendidos como práticas situadas, por meio das quais sujeitos articulam fé, desvio e sexualidade na produção de interpretações religiosas próprias. É nesse processo que se observa a emergência de discursos que desafiam hegemonias historicamente impostas às identidades dissidentes, como destacam Quero, Díaz e Meza (2024):

Desde a perspectiva *queer/cuir*, assumir essa voz própria implica um ato de rebelião contra as normas e expectativas impostas por uma sociedade que historicamente marginalizou e silenciou as identidades não normativas. Trata-se de uma jornada de autodescoberta que conduz à revelação da estranheza intrínseca presente em cada indivíduo, uma estranheza que desafia as categorias binárias de gênero e sexualidade. (Quero; Díaz; Meza, 2024, p. 374, tradução nossa).

Nesse horizonte, torna-se relevante observar como trajetórias formativas se articulam a processos de socialização, sociabilidade e identificação na produção de sentidos sobre vida, criação e pertencimento em coletivos cristãos dissidentes (Serra, 2023). A trajetória de Paulo se inscreve nesse campo de disputas. Homem gay, negro, formado em Teologia e Psicologia, ele narra o deslocamento de um percurso inicialmente

orientado pelo desejo de tornar-se pastor em um contexto evangélico fundamentalista para uma ruptura institucional, em 2021, situada no que descreve como o “avanço do fundamentalismo” e a “emergência do bolsonarismo no Brasil”. Esse movimento o reinsere em outras redes de sociabilidade religiosa, como cofundador de uma comunidade cristã progressista.

Em sua narrativa, a relação entre sexualidade e *pecado* é tensionada, ao mesmo tempo em que a experiência de fé se reconfigura na articulação entre diferentes pertencimentos. Ao falar de Deus, Paulo afirma que já não consegue percebê-lo “como um menino olha” e passa a concebê-lo “como Pai, mas também como Mãe”, deslocando-o “dessa lógica binária de homem e mulher” e também “dessa lógica religiosa” que o vincularia a uma denominação ou grupo específico; nesse movimento, sua relação com o divino torna-se “não-monogâmica”. Assim, a experiência religiosa é reinscrita como prática aberta, contingente e em constante transformação.

A fala de Paulo indica um deslocamento central: Deus deixa de ser compreendido por categorias fixas de gênero ou pertencimento institucional e passa a ser interpretado a partir da própria experiência. Sua narrativa evidencia como trajetórias de homens cristãos de sexualidades dissidentes produzem reinterpretações teológicas situadas, articulando fé, desejo e identidade de modo político-crítico às normas religiosas. Nesse processo, o desvio aparece como condição de afirmação de si (Quero; Díaz; Meza, 2024), ao mesmo tempo em que o testemunho em primeira pessoa opera como prática de produção e circulação de saberes, capaz de tensionar discursos dominantes (Serra, 2023). É nesse contexto que, ao refletir sobre sua própria trajetória, Paulo descreve como a prática espiritual participou da reelaboração de sua relação com Deus:

[...] Mais do que com Deus, foi o exercício da minha espiritualidade que me mostrou que talvez eu não estivesse errado. Que talvez houvesse outras perspectivas que eu precisava olhar de outro modo. [...] E a minha relação com Deus hoje... nossa... eu vou definir do mesmo jeito que eu defino a relação com meus pais: eu acho que é uma relação possível. Eu não tenho mais esse olhar do Deus que eu conheci na igreja quando eu era um menino, né? (Paulo)

A fala de Paulo explicita um deslocamento na noção de Deus, marcado pela recusa da lógica do pecado, que ele próprio afirma não conseguir definir. Deus deixa de operar como instância fixa e passa a ser interpretado a partir da experiência, produzindo saberes-fazer situados que intervêm nas disputas de sentido no campo religioso (Serra, 2023). Nessa direção, tais disputas podem ser compreendidas como lutas políticas que posicionam sujeitos em formações discursivas (Louro, 2007), ao mesmo tempo em que tensionam o estatuto do pedagógico entre normatividade e ética (Althaus-Reid, 2003), evidenciando também sua dimensão de controle baseada no medo.

[...] Por exemplo, o inferno como tema teológico parece ter desaparecido. Entre os cristãos fundamentalistas, ele apareceu esporadicamente quando buscaram usar o imaginário da punição final para sua própria pedagogia do terror. (Althaus Reid, 2003, p. 166)

A partir da crítica de Althaus-Reid (2003) à mobilização do medo como “pedagogia do terror”, a teologia *queer* permite compreender como o desejo atravessa aquilo que se estabiliza como verdade no campo religioso. Em contraste com a teologia tradicional, que regula ou silencia certos temas, essa perspectiva desloca o foco para os desvios e para a experiência vivida, como se observa na fala de Paulo, em que a Bíblia deixa de ser um manual de regras e passa a ser interpretada como narrativa aberta.

Nesse movimento, a autoridade se desloca da doutrina para a experiência, e o desejo passa a operar como força que desestabiliza normas, entendido aqui, com Stavrakakis (2007), como uma dimensão de gozo que escapa ao controle, evidenciando a religião e a educação como campos discursivos político-afetivos atravessados por disputas e antagonismos (Mouffe, 2015). Nesse contexto, a ideologia cisheterossexualcristã organiza o cristianismo como regime de decência que regula corpos e sexualidades, intensificado por discursos neoconservadores no debate educacional (Musskopf, 2008; Quero, 2019; Oliveira; Oliveira, 2022).

Em contraponto, a teologia indecente propõe o “indecentamento” como prática de desestabilização dessas normas, reposicionando a teopedagogia como produção situada nas trajetórias dissidentes e na vida cotidiana, o que também se evidencia na experiência

escolar de Jesus, onde o currículo atua tanto na regulação quanto no silenciamento da sexualidade (Ranniery, 2017).

[...] A escola, muito pouco. Muito pouco. A escola abordava a questão da gravidez na adolescência e aquelas fotos horríveis de DSTs, de pênis com pus, e enfim... tipo, não era aquilo que... sabe, assim, não era aquilo que eu estava vivendo, mesmo eu ficando muito magro. Não se trabalhava a questão da sexualidade no quesito homossexual, somente num discurso muito heteronormativo. (Jesus)

Nesse horizonte, o desvio curricular nomeia práticas que não se esgotam nos currículos oficiais e prescritos, mas se articulam a eles, deslocando sentidos a partir de experiências que reconfiguram modos de significar e viver a educação (Serra, 2023; Lopes, 2025). É nesse contexto que a narrativa de Jesus ganha centralidade: diante de uma escolarização marcada por enquadramentos restritivos da sexualidade, ele reinscreve o cuidado com o próprio corpo como prática ética e espiritual, atribuindo ao tratamento antirretroviral um sentido de sacralidade, “tomar os meus antirretrovirais [...] é um culto”, ao mesmo tempo em que desloca leituras que o reduzem ao HIV, afirmando outras formas de reconhecimento. Assim, sua experiência não se coloca fora das normas, mas as tensiona e rearticula, evidenciando, como sugere Butler (2019), que a relação com as normas envolve também vínculos afetivos que estruturam a subjetividade.

Na narrativa de Jesus, não há adesão passiva às normas que regulam corpos dissidentes no cristianismo; ao falar de sua experiência com HIV, ele desloca o sentido moral da doença e reinscreve o cuidado com o corpo como prática ética e espiritual. O tratamento deixa de ser apenas médico e passa a ser também ritualizado: os remédios são orados e consagrados junto com a comunidade, e “tomar os meus antirretrovirais [...] é um culto”. Com isso, ele recusa leituras que o reduzem ao estigma e produz outra relação entre fé, cuidado e corpo. Esse movimento pode ser lido, com Lopes (2025), como uma rearticulação crítica das heranças discursivas, evidenciando o currículo como campo de disputas em torno de corpo, sexualidade e educação (Southwell; Boulán; Zemaitis, 2024).

Já na trajetória de Davi, essa disputa assume forma explicitamente política: professor de 36 anos, que se identifica como marica como posição política, ele parte de experiências escolares marcadas por violência e silêncio institucional para tensionar essas

mesmas lógicas em sua prática docente, buscando construir, na escola, outras formas de reconhecimento e existência:

[...] Como te dizia, eu sofri bullying na escola e sofri também por parte de docentes que não intervinham, que viam a violência e não faziam nada. [...] Eu tenho duas opções: uma é ser um professor amargo, que agora que tem poder, pode se vingar de tudo o que lhe fizeram, não é? Porque tem gente que é assim... também. E a outra opção é construir a escola que eu gostaria de ter tido. Hoje, como docente, quero contribuir para a escola que eu gostaria de viver no passado (Davi)

Na narrativa de Davi, a crítica à aceitação condicionada desloca o eixo do reconhecimento ao recusar a separação entre corpo, desejo e fé, reinscrevendo o cristianismo como prática situada. Esse gesto não busca reconciliação com a norma, mas a tensiona a partir de uma posição agonística, na qual o conflito organiza as disputas por sentido (Mouffe, 2015). A partir de Glynnos (2021) e Stavrakakis (2007), entendemos que esse deslocamento evidencia o papel dos afetos e fantasias na sustentação das normas, ao mesmo tempo em que expõe suas fissuras.

Inserida em um contexto marcado pela reativação da “lógica do pecado” no debate público (Oliveira; Oliveira, 2022), sua narrativa não apenas contesta essa gramática, mas a rearticula ao deslocar a centralidade do dogma para uma leitura política do projeto de Jesus:

[...] Às vezes, me dizem: “Como você vai à igreja? Como pode ser cristão diante de tudo o que a igreja fez, ou com o que o papa falou recentemente?”. Hoje, eu não vejo nenhuma contradição. Quando comecei a me encontrar, não com o Jesus do sacramento, mas com o Jesus histórico e político, deixei de viver contraditoriamente. Nem sequer sou cristão pela existência ou não de Deus. Nem me preocupo se Deus existe. Sou cristão porque estou apaixonado pelo projeto de Jesus, o projeto de um reino político. (Davi)

As falas de Paulo e Davi podem ser compreendidas como enunciações que, ao articularem fé e desejo a partir de posições dissidentes, produzem deslocamentos nos sentidos hegemônicos do cristianismo. Nessas narrativas, o religioso deixa de operar como norma fixa e passa a ser reconfigurado como prática situada, na qual experiências corporais, afetivas e políticas se tornam fonte legítima de produção teológica. Esse movimento, longe de se colocar fora das normas, atua em sua rearticulação, evidenciando,

como nos permite Butler (2019), como a enunciação a partir da precariedade produz novas condições de reconhecimento. Assim, as trajetórias analisadas mostram que a articulação entre fé e desejo não apenas tensiona a lógica do pecado, mas produz saberes e práticas teopedagógicas que emergem em espaços não institucionais, reconfigurando o que pode ser reconhecido como conhecimento, experiência religiosa e pertencimento no cristianismo latino-americano.

Desvios que ensinam: teopedagogias nas disputas por gênero e sexualidade

Teopedagogia, nesta pesquisa, não é tomada como um conceito dado, mas como uma construção analítica que emerge da articulação entre diferentes tradições teóricas que permitem pensar, de forma não separada, o religioso e o pedagógico no *espaço público*. Em diálogo com Sandlin, O'Malley e Burdick (2011), que compreendem a pedagogia pública como produção de saber para além da escola, e com as contribuições da teologia queer (Althaus-Reid, 2003) e das críticas à normatividade cisheterocristã (Musskopf, 2008), entende-se que práticas religiosas também operam como práticas formativas, produzindo modos de subjetivação, regulação e resistência.

Nesse quadro, a noção de teopedagogia de(s)viada designa os processos pelos quais saberes teológicos e pedagógicos se entrelaçam nas trajetórias de homens gays cristãos, configurando práticas situadas que rearticulam normas sobre corpo, fé e sexualidade no cotidiano. Trata-se, portanto, de um campo discursivo e prático, contingente e atravessado por afetos (Glynos; Howarth, 2007), no qual sentidos e *posições de sujeito* (Laclau e Mouffe, 2015) são produzidos na relação e na disputa.

É nesse horizonte que a enunciação de Paulo, “*eu quero pilhar mais gente nesse embate*”, evidencia o caráter agonístico desses processos, nos quais aprender, crer e existir implicam também mobilizar outros sujeitos e intensificar as disputas por reconhecimento e legitimidade no *espaço público*:

Meu sonho é poder contar essas histórias, mas não só as minhas vivências, mas também as minhas observações. Eu queria muito dividir isso com as pessoas... E eu sonho com um embate um pouco mais

direto com a igreja evangélica, sabe? Com a reação delas a esse assunto. Acho que estamos fazendo muito pouco, provocando muito pouco essas pessoas. E elas ainda estão muito confortáveis pra continuar praticando as violências que praticam, sabe? É... eu tenho aprendido a lidar com isso. Tem uma música do BaianaSystem que saiu, que se chama Cobracriada Bicho Solto, e eles falam algo que me toca... "Eu me domestiquei para fazer parte do jogo, mas não se engane, maluco, eu continuo bicho solto". Essa é a minha sensação, meu sonho é me domesticar para fazer parte do jogo, mas continuar bicho solto, entendeu? Assim... passear por onde eu preciso, sabe? É como jogar capoeira... é... é exatamente o ato da capoeira. É jogar e saber a hora de aplicar o golpe, a hora de voar, sabe assim? Mas o meu sonho coletivo é que a gente entre nessa. Eu quero pilhar mais gente nesse embate, quero que mais gente venha junto comigo. (Paulo)

A fala de Paulo condensa uma ética do confronto que opera menos pela recusa externa e mais pela subversão interna das normas. Ao afirmar o desejo de “*se domesticar*” sem deixar de ser “*bicho solto*”, ele descreve uma estratégia de habitar o sistema para deslocá-lo por dentro, produzindo o que se pode entender como uma performance do desviante: repetir a norma de forma “errada” para tensionar seu sentido original. Como aponta Judith Butler, “a falha em repetir fielmente a norma é o que permite sua desestabilização” (*Problemas de Gênero*, 1990), indicando que é justamente no desencaixe que emerge a possibilidade de ruptura. Nesse mesmo horizonte, a ação ética não se funda em um sujeito plenamente consciente de si, mas no reconhecimento de sua própria opacidade, “somos constituídos por aquilo que nos escapa” (Butler, 2005).

Meu sonho agora é terminar minha faculdade de psicologia, mas eu tô querendo muito... tô numa idade já, né? Tô querendo muito é... casar... casar real, me juntar, me juntar com alguém aqui na Grande São Paulo e ter filhos... assim, ou de quatro patas, ou não... mas assim... meu sonho pessoal, real, tem sido esse, sabe? [...] E acho que a questão coletiva também tem muito a ver com isso, como eu posso ser um transformador social, publicitário, psicólogo, trabalhar em eventos sobre HIV e trabalhar fê e HIV, e trabalhar... trabalhar tudo isso e não sair. Eu não quero sair dessa área não, de cuidado. (Jesus)

Entre o desejo de construir uma vida, concluir a formação, constituir família e permanecer no campo do cuidado, e a experiência recorrente de exclusão dos espaços religiosos, a narrativa de Jesus evidencia a teopedagogia como prática que emerge na tensão entre pertencimento e rejeição. Não se trata de abandonar a fé, mas de reinscrevê-la: a igreja aparece como espaço ambíguo que tanto expulsa quanto oferece repertórios

para reexistir, deslocando a centralidade da norma para a experiência vivida e configurando-se como disputa pelos sentidos do cuidado, da comunidade e do sagrado.

Ao propor “outras mesas” e novas formas de partilha, Jesus não apenas resiste à exclusão, mas rearticula o campo religioso como espaço pedagógico possível, onde fé e diferença deixam de ser incompatíveis. Nesse contexto, ensinar e aprender deixam de operar como adequação e passam a constituir práticas de disputa, nas quais os “sonhos de bichas” emergem como cenas políticas que articulam afeto, memória e conflito, produzindo deslocamentos simbólicos: o cuidado é reinscrito como gesto pedagógico e o desejo de uma vida compartilhada se converte em proposição de um espaço pedagógico outro, onde o cuidado enfrenta a exclusão. Em diálogo com Silva e Freitas (2024), esse movimento aproxima-se da ideia de “sonhar currículo” como prática crítica que rejeita a fixidez, desestabiliza hierarquias e opera como exercício de imaginação política e criação de modos de vida possíveis.

Como bem nos lembra Jesus:

[...] A gente é expulso das mesas da Santa Ceia... a gente é excluído, expulso assim, muitas vezes de forma... (silêncio) de forma literal mesmo. Mas às vezes... não. Às vezes é de forma mais sutil, mais subjetiva, sabe? Então... a gente precisa reenxergar esse espaço como nosso. A gente precisa enxergar outras perspectivas... outras mesas de fé, mesa de partilha mesmo... novas formas de pensar um Cristo que... que subverte tudo aquilo que a gente foi ensinado, catequizado... Pra mim... isso é muito... (pausa) pra mim isso é muito Deus, sabe? (Jesus)

A fala de Jesus não apenas descreve a exclusão das “mesas” da fé, mas desloca o próprio sentido de mesa como lugar legítimo de comunhão. Ao reencená-la fora dos enquadramentos institucionais, essas práticas não criam simplesmente “outras mesas”, mas disputam os critérios que definem quem pode partilhar, o que conta como fé e quais experiências são reconhecidas como válidas.

Nesse movimento, a autoridade deixa de se apoiar em um saber único e universal e passa a ser tensionada por formas de conhecimento produzidas na experiência, abrindo fissuras nas hierarquias que regulam o acesso ao sagrado.

Uma epistemologia *queer*, portanto, é a possibilidade de transmutar o saber hegemônico para um saber plural e diverso, ecoando no ressurgimento de novas práticas e dimensões epistemológicas,

priorizando a ética da existência em detrimento de uma ética jurídico-econômica. A ética da existência, portanto, inaugura uma epistemologia com um olhar sensível para além da classificação e padronização de corpos, gêneros e subjetividades, destacando um saber que valoriza a experiência humana, ao invés de colocá-la em uma psicopatologia ou uma classificação prévia a partir de um saber instituído por aqueles que detêm as ferramentas e as tecnologias da verdade e do saber. (Lima 2023, p. 04).

As teopedagogias, tal como emergem nas narrativas analisadas, podem ser compreendidas como práticas nas quais saberes teológicos e modos de aprender se articulam no cotidiano, produzindo sentidos sobre corpo, desejo e pertencimento. Elas não operam como doutrina ou método, mas como formas situadas de intervenção nas disputas de gênero e sexualidade no interior do cristianismo, ao deslocarem os critérios que definem quem pode crer, participar e ser reconhecido. Ao reencenar práticas e reinterpretar normas, essas teopedagogias não apenas respondem à regulação das sexualidades dissidentes, mas intervêm na sua reconfiguração, produzindo outras formas de viver o corpo, o cuidado e a comunidade.

Nesse movimento, o aprendizado da fé deixa de ser adequação e passa a operar como desvio, no qual experiências de exclusão, como a expulsão das “mesas”, são deslocadas e reinscritas como práticas de partilha e reconhecimento. Assim, mais do que negar a norma, essas práticas a tensionam a partir da experiência, produzindo formas de conhecimento ancoradas na vida e abrindo fissuras nos modos hegemônicos de organizar o religioso.

Considerações Finais

Este texto permanece em aberto como campo de disputa. As trajetórias de homens cristãos de sexualidades dissidentes evidenciam que fé, corpo e desejo não são apenas regulados por normas, mas também operam como espaços de deslocamento. Ao articular experiência e religiosidade, esses sujeitos reinscrevem o lugar do cristianismo desde suas margens, tensionando categorias como *pecado*, pertencimento, cuidado e autoridade teológica. Nesse processo, a teopedagogia se apresenta como prática situada que emerge na relação entre norma e *desvio*, aqui compreendido, em diálogo com Butler

como deslocamento performativo que expõe a contingência das normas, produzindo *saberes-fazeres*, reinterpretações da tradição e modos de vida possíveis.

Esses deslocamentos se realizam por meio de operações específicas: (1) reinterpretação das escrituras a partir da experiência vivida; (2) deslocamento da autoridade teológica, que deixa de ser centralizada e passa a ser disputada; (3) ressignificação do cuidado como prática ética e não moralizante; e (4) constituição de espaços de pertencimento nos quais fé e dissidência não operam como termos excludentes.

O *desvio* deixa de ser erro e passa a operar como condição de produção de sentidos, tensionando o reconhecimento, evidenciando a instabilidade do campo religioso e desfundamentando pretensões universalistas (Panotto, 2025). Em diálogo com “sonhar currículo” (Silva; Freitas, 2024) e com o currículo como ética relacional (Ranniery, 2016), essas experiências rearticulam coletivamente o possível, fazendo da teopedagogia, desde uma perspectiva queer, uma prática inacabada, atravessada por conflito e criação. O amor, por sua vez, como vínculo que sustenta sujeitos dissidentes em sua relação com o sagrado; contudo, com Butler (2019), trata-se também de um apego ao que nos falta, relação ambivalente que sustenta a existência e, ao mesmo tempo, nos prende às repetições que nos constituem. Em Althaus-Reid (2003), esse amor assume caráter político e encarnado, afirmando o desejo, o afeto e o gozo contra a “pedagogia do terror” que regula corpos pelo medo, reconfigurando modos de crer, aprender e existir. Se é aí que outras formas de fé se tornam possíveis, quais teopedagogias ainda permanecem interditas no campo teológico-pedagógico contemporâneo? E, no limite: se Deus é pela bicha, quem será contra ela?

Referências

ALTHAUS-REID, Marcella. *La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.

ALVES, Isabella Nara Costa; OLIVEIRA, Anna Luiza Martins de. (Re)invenções curriculares e gingas de gênero e sexualidade em meio aos fantasmas do

neoconservadorismo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo*, v. 23, 2025.

ALVES, Rubem. *Do culto à cultura*. Campinas: Papirus, 2013.

ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos).

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo: Loyola, 2005.

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

BEZERRA, Tony Gigliotti. *Igrejas e grupos LGBTIA+ no Brasil e experiências místicas cristãs*. 2023. 237 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BEZERRA, Tony Gigliotti; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. A experiência mística como dispositivo de legitimação religiosa para pessoas LGBTIA+. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 2, 2023.

BURITY, Joanildo. Onda conservadora e surgimento da nova direita cristã brasileira? A conjuntura pós-impeachment no Brasil. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 22, p. e020015, 2020.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e as políticas das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

COELHO, Carlos. Anarquia sexual ou eros civilizado? Novos parâmetros sexuais, família e monogamia entre homens gays evangélicos. *Latitude*, v. 17, n. 2, p. 1–28, 2024. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/15831>. Acesso em: 21 maio 2025.

CÓRDOVA QUERO, Hugo. *Sin tabú: religiones y diversidad sexual en América Latina*. Bogotá; Santiago de Chile: REDLAD-GEMRIP Ediciones, 2018.

CÓRDOVA QUERO, Hugo et al. Introducción: el misterio de la liberación queer. In: CÓRDOVA QUERO, Hugo et al. (ed.). *Mysterium liberationis queer: ensayos sobre teologías queer de la liberación en las Américas*. [S. l.]: [s. n.], 2024. p. 1-28.

CONTRERAS, Mercy; TORRES, Cruz. ¡Lo prefiero muerto! Necropolítica, teología y narrativas conservadoras en el destierro y muerte de personas LGBTIQ+. In: CÓRDOVA QUERO, Hugo et al. (org.). *Mysterium liberationis queer*. St. Louis: Institute Sophia Press, 2024.

GLYNOS, Jason; BURITY, Joanildo; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. Critical Fantasy Studies: neoliberalism, education and identification: an interview with Jason Glynos. *Série-Estudos*, Campo Grande, v. 24, n. 52, p. 145-170, set./dez. 2019.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. *Logics of critical explanation in social and political theory*. London: Routledge, 2007.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015.

LIMA, Guilherme Almeida de. Deus, uma travesti negra e indígena: rascunhos de uma epistemologia queer. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. e48618, 2023.

LIRA, Denise; BASSOTTO, V. C.; SOARES, M. L. *Teologia afro-brasileira e educação: caminhos para uma prática comunitária*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOPES, Alice Casimiro. *Por um currículo sem fundamentos*. São Paulo: Cortez, 2025.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Teorias de currículo*. São Paulo: Cortez, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MENDONÇA, Daniel de. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 1, p. 153-169, jan./jun. 2009.

MUSSKOPF, André. Des/moralizando a fé: teologias e grupos cristãos indecentes. *Religião & Sociedade*, v. 45, n. 3, p. e450307, 2025.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. *Revista TOMO*, n. 14, p. 203–227, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/504>. Acesso em: 21 mar. 2026.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Martins de. *O discurso pedagógico pela diversidade sexual e sua (re)articulação no campo escolar*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

OLIVEIRA, Anna Luiza M.; OLIVEIRA, Gustavo Gilson. Malditos os que têm fome e sede de justiça: discursos cristãos neoconservadores e lógicas neoliberais na educação brasileira. *Currículo sem Fronteiras*, v. 22, 2022.

OLIVEIRA, Anna Luiza M.; OLIVEIRA, Gustavo Gilson. Políticas educacionais de gênero e sexualidade no Brasil. In: LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza A. R. Martins de; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de (org.). *Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo*. Recife: UFPE, 2018. p. 25-44.

PANOTTO, Nicolás. Sobre los desafíos de la educación teológica en América Latina: perspectivas pos/de-coloniales. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 23, p. 1-18, 2025.

PEREIRA, Gerson Lourenço. Variações sobre Rubem Alves: a liturgia do ensino. *Sacrilegios*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 127-139, 2018.

RANNIERY, Thiago. Gênero não tem cabimento, nem nunca terá. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 18, n. 52, 2021.

SANDLIN, Jennifer A.; O'MALLEY, Michael P.; BURDICK, Jake. Mapping the complexity of public pedagogy scholarship: 1894–2010. *Review of Educational Research*, v. 81, n. 3, p. 338-375, 2011.

SANDLIN, Jennifer A.; SCHULTZ, Brian D.; BURDICK, Jake (org.). *Handbook of public pedagogy*. New York: Routledge, 2009.

SERRA, Cris. “Para que tenhamos vida”: saberes e fazeres de coletivos cristãos feministas e dissidentes. 2023. Tese (Doutorado) – UERJ, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Silas Veloso de Paula. *Ensino de Sociologia em tempos de guerra à “ideologia de gênero”*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPE, Recife, 2022.

SILVA, Silas Veloso de Paula; FREITAS, Raquel. Sublinhar limiares teórico-políticos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 24, e2539, 2024.

SINNER, Rudolf Eduard von; PANOTTO, Nicolás. *Teología pública: un debate a partir de América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Buenos Aires: CLACSO, 2016.

SOUTHWELL, Myriam; BOULAN, Norali; ZEMAITIS, Santiago. Disputas curriculares y diferencia sexual. *Educación: Teoria e Prática*, v. 34, n. 68, p. 1-20, 2024.

STAVRAKAKIS, Yannis. *The Lacanian left: psychoanalysis, theory, politics*. Albany: SUNY Press, 2007.

VAGGIONE, Juan Marco. Sexualidad, religión y política en América Latina. Trabalho apresentado nos Diálogos Regionais sobre Sexualidade e Geopolítica, Rio de Janeiro, ago. 2009.

VAGGIONE, Juan Marco. La Iglesia Católica frente a la política sexual. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, e175002, 2017.

THEOPEDAGOGIES AND GENDER AND SEXUALITY DISPUTES IN LATIN AMERICA

Abstract: This article presents partial results from a doctoral research project on the narratives of Christian men with dissident sexualities in Brazil, Argentina, and Chile, situating them within educational disputes over gender and sexuality in Latin America. It offers a discursive analysis of how these narratives articulate theology and pedagogy in the production of theopedagogical practices that challenge hegemonic meanings of homosexuality within Christianity. Adopting a qualitative approach, the study is based on semi-structured interviews and is guided by Discourse Theory, in dialogue with queer theology. It starts from the premise that the notion of homosexuality as sin contributes to the sedimentation of discourses on gender and sexuality within socio-political disputes. The narratives reveal the emergence of deviant theopedagogies which, by articulating faith and desire, disrupt the grammar of sin and reinscribe sexual dissidence as a space of theological revelation and pedagogical resistance in Latin America.

Keywords: Theopedagogy; Deviation; Dissident subjectivities; Discourse Theory; Christianity and sexuality.

Recebido: 01/06/2025

Aceito: 24/04/2026